



unifaema

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAEMA – UNIFAEMA

SHEYÉVENA DE ARAUJO GOMES

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: A PERMANÊNCIA DA MULHER EM
RELACIONAMENTO ABUSIVO E SUA SAÚDE MENTAL**

**ARIQUEMES – RO
2023**

SHEYÉVENA DE ARAUJO GOMES

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: A PERMANÊNCIA DA MULHER EM
RELACIONAMENTO ABUSIVO E SUA SAÚDE MENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de ENFERMAGEM
do Centro Universitário FAEMA –
UNIFAEMA como pré-requisito para
obtenção do título de bacharela em
Enfermagem.

Orientadora: Prof^a. Ma. Elis Milena Ferreira
do Carmo Ramos

**ARIQUEMES – RO
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G633v Gomes, Sheyévena de Araújo.

Violência doméstica: a permanência da mulher em relacionamento abusivo e sua saúde mental. / Sheyévena de Araújo Gomes. Ariquemes, RO: Centro Universitário Faema – UNIFAEMA, 2023.

31 f.

Orientador: Prof. Ms. Elis Milena Ferreira do Carmo Ramos. Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharelado em Enfermagem – Centro Universitário Faema – UNIFAEMA, Ariquemes/RO, 2023.

1. Abuso Psicológico. 2. Relacionamento Tóxico. 3. Cuidados de Enfermagem. 4. Violência Física. I. Título.

Bibliotecária Responsável

Herta Maria de Açucena do N. SoeiroCRB

1114/11

SHEYÉVENA DE ARAUJO GOMES

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: A PERMANÊNCIA DA MULHER
EMRELAIONAMENTO ABUSIVO E SUA SAÚDE MENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Enfermagem do
Centro Universitário FAEMA – UNIFAEMA
como pré-requisito para obtenção do título
de bacharela em Enfermagem.

Orientadora: Prof^a. Ma. Elis Milena Ferreira
do Carmo Ramos.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Elis Milena Ferreira do Carmo Ramos
UNIFAEMA

Prof^a. Ma. Sonia Carvalho de Santana
UNIFAEMA

Prof. Ma. Thays Dutra Chiarato Veríssimo
UNIFAEMA

**ARIQUEMES – RO
2023**

Dedico este trabalho a Deus, a minha família, a eu mesma, a minha orientadora e a todas as mulheres que já passaram ou passam por um relacionamento abusivo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre estar comigo abrindo portas para o novo e me dando muita força.

A minha família, por sempre estarem comigo, me ajudando de forma emocional e financeiramente. Sendo eles, a mamãe, o grande amor da minha vida, que em momentos de choros estava comigo sempre, secando minhas lágrimas, cuidando de mim, me fazendo um chá e me ajudando de todas as formas possíveis. Ao papai, por trabalhar o dia todo para conseguir pagar a mensalidade.

Ao meu namorado que no meio do caminho entrou na minha vida me mostrando o quão capaz eu sou, me incentivou, secou minhas lágrimas de desespero e fez o possível para não me faltar nada.

As minhas professoras lindas, especialmente as que estão sentadas nessa banca de hoje.

A minha querida Milena Ramos, uma das almas mais lindas que eu conheço, me ensinou sobre empatia, sempre acreditou em mim, foi meu apoio emocional e sempre me mostrou como sou capaz.

A minha coordenada Thays, por me acalmar com suas palavras doces e acolhedoras acalmando meu coração.

A Sônia Carvalho por me ensinar que eu preciso ser forte e ter opinião independente do lugar que eu estiver.

Aos meus amigos, especialmente os que estavam comigo durante o processo, Thaynara, Ramyla, Amanda e Neyone.

A minha melhor amiga Jeane Silva que sempre me apoiou e acreditou em mim.

A minha amiga Maísa que sempre caminhou comigo.

Aos motoristas da prefeitura que sempre me davam uma carona para o estágio.

Agradeço também a minha mesma por ter sido tão forte.

RESUMO

A violência doméstica ainda é um tabu nos dias atuais, mesmo após várias situações e debates. É necessário abordar essas questões com o fim de transcender o conhecimento das mulheres para que dessa forma consigam identificar sinais de violência dentro do relacionamento. Esse trabalho pretende conscientizar a sociedade acerca do relacionamento abusivo, os prejuízos para saúde da mulher e os efeitos traumáticos ao longo de sua vida. O trabalho de conclusão de curso trata-se de uma revisão de literatura de caráter descritivo e exploratório. Teve como fonte de busca Scielo.org e Google Acadêmico, e teve como referencial, materiais publicados entre os anos de 2013 a 2023. As buscas das pesquisas foram a partir de dados analisados em trabalhos e artigos científicos seguidos pelos descritores em ciências da saúde (DECS) Relacionamento; Violência doméstica; Abuso psicológico; Abuso emocional; Enfermeiro; Relacionamento tóxico. Como resultados pode-se observar que é imprescindível que o tema em questão mereça mais visibilidade, para que assim as vítimas consigam de fato compreender os sinais de abuso logo no começo da relação. Evidente também, a necessidade de capacitação profissional para perceber e acolher com qualidade e cautela as demais ocorrências, respeitando a particularidade e crenças de cada vítima. A realização dessa pesquisa contribuiu para compreensão dos fenômenos relacionados ao relacionamento abusivo além de alertar sobre os sinais visando expor como ele é prejudicial para saúde da mulher como um todo.

Palavras-chave: Relacionamento; Violência doméstica, Abuso psicológico, Enfermeiro, Relacionamento tóxico.

ABSTRACT

Domestic violence is still taboo today, even after several situations and debates. It is necessary to address these issues in order to transcend women's knowledge so that they can identify signs of violence within the relationship. This work aims to make society aware of abusive relationships, the damage to women's health and the traumatic effects throughout their lives. The final paper is a descriptive and exploratory literature review. It had as a search source Scielo.org and Google Scholar, and had as a reference, materials published between the years 2013 and 2023. The research searches were based on data analyzed in scientific papers and articles followed by the descriptors in health sciences (DECS) Relationship; Domestic violence; Psychological abuse; Emotional abuse; Nurse; Toxic relationship. As a result, it can be observed that it is essential that the topic in question deserves more visibility, so that victims can actually understand the signs of abuse at the beginning of the relationship. It is also evident the need for professional training to perceive and welcome other occurrences with quality and caution, respecting the particularity and beliefs of each victim. The accomplishment of this research contributed to the understanding of the phenomena related to the abusive relationship, in addition to warning about the signs in order to expose how it is harmful to the health of the woman as a whole.

Keywords: Relationship; Domestic Violence, Psychological Abuse, Nurse, Toxic Relationship.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 JUSTIFICATIVA	12
2 OBJETIVOS.....	13
2.1 Geral	13
2.2 Específicos	13
2.3 Hipótese	13
3 METODOLOGIA.....	14
4 REVISÃO DE LITERATURA	15
4.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA LEI Nº 11.340/2006 E OS TIPOS DE VIOLÊNCIAS.....	15
4.2 A ROMANTIZAÇÃO DO RELACIONAMENTO ABUSIVO COMO FATOR PREJUDICIAL NA PERCEPÇÃO DO ABUSO.....	18
4.3 PRINCIPAIS TRANSTORNOS MENTAIS QUE ACOMETEM AS VITIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA.....	19
4.4 IMPORTÂNCIA DA ENFERMAGEM NO QUESITO VIOLÊNCIA CONTRA MULHER.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a violência contra as mulheres se destaca como um sério problema social e de saúde pública, pois ele afeta o físico e o psicológico das vítimas. Em 2006 foi criada a Lei n. 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, que foi uma enorme conquista para as mulheres, pois o país ocupava a sétima posição entre os países que registravam maiores índices de violência (SOUZA; FARIAS,2022).

Durante todo histórico, foi repassado às mulheres que o correto era que elas precisassem ser protegidas e submissas. A ideia de que deveriam e devem se dedicar ao lar, famílias e as atividades domésticas apenas sempre foi muito exposta, tornando-as refém da realidade, descartando seus sonhos e realizações de se desenvolver profissionalmente e em sociedade (AMARAL,2022).

A violência contra mulher já era vista como um real problema social, porém após a pandemia foi se agravando cada vez mais. O confinamento imposto pela COVID-19 foi uma ponte para mais sofrimentos e mais abusos. O ministério da mulher, da família e dos direitos humanos declarou que a partir dos meses de fevereiro, março e abril de 2020 o número de denúncias teve um aumento de 14,12% comparado ao mesmo período de 2019. Os dados analisados demonstraram uma expansão de crescimento de ligações ao 180 de 17,89%, muito maior que o mês de março 2019. E logo após, em abril de 2020, as denúncias foram para 37,58 comparadas com o ano anterior (SOUZA; FARIAS,2022).

Definir o que é um relacionamento abusivo é difícil e simples ao mesmo tempo, mas de forma clara, é aquele em que há uma desigualdade de poderes entre as pessoas que estão na relação. Há uma oprimida e há um opressor. Ou seja, é todo relacionamento que envolva abuso físico, psicológico, sexual, moral ou financeiro/patrimonial (SOUZA, et al., 2018).

Nossa cultura costuma involuntariamente naturalizar o relacionamento abusivo seja em filmes, músicas, mídias e rede social. Ignorando o fato de ser uma questão destrutiva que faz tudo isso parecer sexy e desejável influenciando assim as pessoas, mas, precisamente os jovens.

Essa romantização faz com que muitas atitudes tóxicas dentro de um relacionamento abusivo se passem como natural, essas situações acabam condicionando a mulher a se tornar um objeto de controle e domínio do seu parceiro incentivando de forma involuntária a violência (OLIVEIRA et al., 2016).

Percebendo a crescente no número de relatos noticiados em jornais, mídias sociais e trabalhos científicos, a autora percebe a necessidade de abordar o tema em questão por acreditar que existe uma situação isolada onde muitas mulheres não falam sobre, não identificam a violência e até mesmo não possuem nenhum conhecimento. Essa carência de informações só contribui para a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos e com parceiros tóxicos, tendo em vista que, a maioria ou já passou ou está em um. O objetivo do trabalho é conscientizar a sociedade acerca do relacionamento abusivo, os prejuízos para saúde da mulher e os efeitos traumáticos ao longo de sua vida.

1.1 JUSTIFICATIVA

Percebendo a crescente no número de relatos noticiados em jornais, mídias sociais e trabalhos científicos, a autora percebe a necessidade de abordar o tema em questão por acreditar que existe uma situação isolada onde muitas mulheres não falam sobre, não identificam a violência e até mesmo não possuem nenhum conhecimento. Além disso, a grande romantização que as pessoas estão criando em pró da submissão das mulheres para com os homens vem crescendo de forma significativa e se tornando preocupante. Essa carência de informações só contribui para a permanência das mulheres em relacionamentos, tendo em vista que, a maioria ou já passou ou está em um.

2 OBJETIVOS

2.1.1 Geral

Conscientizar a sociedade acerca do relacionamento abusivo, os prejuízos para saúde da mulher e os efeitos traumáticos ao longo de sua vida.

2.1.2 Específicos

- Apontar alguns tópicos sobre a lei nº 11.340
- Analisar como a mídia, filmes e músicas podem influenciar a violência doméstica e o relacionamento abusivo;
- Destacar a importância do profissional de enfermagem na violência contra mulher.

2.1.3 Hipótese

A sociedade em si não dá a importância necessária ao bem-estar psicológico da mulher.

O parceiro menospreza a vítima e destrói a sua autoconfiança, o que faz com que ela se sinta presa a essa situação e tenha vergonha de pedir ajuda.

A vítima se culpabiliza e acha que o erro está nela e que é merecedora das situações em que vive.

3 METODOLOGIA

Este trabalho de conclusão de curso, trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura, de carácter descritivo e exploratório. A pesquisa descritiva é a descrição de propriedades de um grupo específico, uma experiência, ou mesmo um acontecimento. Já a pesquisa exploratória é um procedimento de pesquisa para levantamento bibliográfico de um determinado assunto. Mesmo em um estudo de caso é conciso elevar a literatura sobre um assunto. Dessa forma, em diversos casos o objetivo de uma pesquisa exploratória combina com descritiva (GIL, 2022).

Utilizou-se materiais atualizados e concernentes com a temática do trabalho. Foram consultadas plataformas científicas como SciELO.Org e Google acadêmico. Para a produção do material utilizou-se o marco temporal dos anos de 2012 a 2023. A pesquisa foi de encontro dos meses Agosto de 2022 a junho de 2023. Como critérios de inclusão optou-se por materiais que estavam na integra, nos idiomas português e inglês. Já para critérios de exclusão, materiais duplicados, incompletos, fora da temática e fora dos anos de delineamento. Para melhor busca das temáticas foram utilizados os descritores em ciências da saúde: Relacionamento; Violência doméstica, Abuso psicológico, Abuso emocional, Enfermeiro, Relacionamento tóxico.

Ao total, foram encontradas 35 obras que iam de encontro com o tema, deste total foram utilizados 29 publicações, sendo 18 artigos, 1 resumo expandido, 2 TCC, 2 monografias, 4 revistas e 2 dissertações.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA LEI Nº 11.340/2006 E OS TIPOS DE VIOLÊNCIAS

A violência doméstica contra a mulher representa um grande problema que atinge grande parte das mulheres. As crenças e valores que foram enraizados na sociedade ainda são reproduzidos até os dias atuais. Os tratados e acordos que existem hoje em dia só foram criados a partir de muita pressão social e movimentos feministas que ocorreram ao redor do mundo, e ainda assim não foram suficientes para acabar com a violência doméstica. E foi um dos motivos que em 2006 após interpretação internacional, e casos graves de violência que foi criada a lei nº 11.340 conhecida como Lei Maria da Penha. A lei veio com o intuito de proteger e diminuir os índices de violência, pois o país já ocupava a sétima posição entre os países que registravam maiores índices de violência (AMARAL, 2022).

A criação da Lei nº 11.340 surgiu da grande necessidade de ter uma legislação específica para poder tratar os crimes de violência após a história de Maria da Penha Maia Fernandes, uma mulher que sofreu diversas violências domésticas pelo seu marido na época. E por conta disso, de todas as agressões, Maria da Penha ficou paraplégica, mas sobreviveu para contar sua história e servir de força para todas as outras vítimas de abusos (AMARAL, 2022).

A violência contra mulher já era vista como um real problema social, porém após a pandemia a situação foi se agravando cada vez mais. O confinamento imposto pela COVID-19 foi uma ponte para mais sofrimentos e abusos. O ministério da mulher, da família e dos direitos humanos declarou que a partir dos meses de fevereiro, março e abril de 2020 o número de denúncias teve um aumento de 14,12% comparado ao mesmo período de 2019 (SOUZA; FARIAS,2022).

Os dados analisados demonstraram uma expansão de crescimento de ligações ao 180 de 17,89%, muito maior que o mês de março 2019. E logo após, em abril de 2020, as denúncias foram para 37,58 comparadas com o ano anterior (SOUZA; FARIAS,2022).

A partir de reivindicações feministas nos anos 80, que os estudos científicos sobre violência doméstica e a nítida necessidade de criar meios sendo eles políticas publicas para atender as vitimas começaram a ter movimento. Pois antes disso, o

estado não intervia nessas questões e conflitos familiares, pois entendiam que esses problemas relacionados deveriam ser resolvidos em casa, sendo então negligenciados pelos órgãos públicos (SOUTO, et al., 2021)

A violência doméstica e o relacionamento abusivo estão em conjunto e são um caso complexo que gera várias discussões e debates na sociedade atualmente, pois a violência vai muito além de agressões físicas, ela envolve diversas questões mais a fundo que muitas vezes acabam passando despercebidas (LEANDRO et al., 2019).

Quando falamos de violência contra mulher não é referente somente a marcas físicas, embora temos consciência que a primeira impressão sobre a violência se encontra na física e na sexual, pois são as mais acentuadas em algoritmo de reconhecimento. Porém, é na violência psicológica que se registra o pontapé inicial para o começo dos abusos (ECHEVERRIA, 2018).

As representações históricas das mulheres se condizem com a subordinação ao homem. Toda essa questão de jurisdição no lar, cria um sexismo rotineiro e faz com que a violência seja normalizada no cotidiano. E o discurso que é repassado a essas mulheres é que elas devem suportar esse contexto em pró dos filhos e preservar o núcleo familiar. Essa prática naturalizou a violência e ainda se tornou consideravelmente problemática (SILVA, 2020)

A violência contra mulher é qualquer atitude ou ação que prejudique a mulher, seja por constrangimento, morte, sofrimento físico, sexual, psicológico ou moral. A própria Lei nº 11.340, define os tipos de violência, eles possuem cinco domínios, sendo eles: físico, patrimonial, sexual, moral e psicológico (MIURA, et al., 2018).

A Violência física se define em ferir ou até mesmo causar danos ao corpo da vítima e além disso, é caracterizada por chutes, queimaduras, empurrões, dentre outros. A Violência patrimonial são à destruição dos bens materiais que a mulher possui, podendo ser objetos e documentos. Violência sexual, é quando ocorre uma pressão que obriga a vítima a manter ou até mesmo presenciar e participar de uma relação sexual mesmo sem vontade, entre outras situações. Já a Violência moral é caracterizada a qualquer atitude que difame a mulher. Violência psicológica ou emocional é a mais silenciosa e pode acabar passando despercebida, pois normalmente a mulher acredita que violência é apenas quando ocorre agressão física. Ela pode ser exemplificada como diminuição da autoestima, humilhações, desvalorização, gritos, desrespeito entre diversas outras ações (FONSECA et al., 2012).

O feminicídio é uma violência exercida não apenas por homens contra as mulheres, mas também por homens em posição de supremacia social, ideológica, sexual, jurídica, política e diversos outros quesitos, tais como, mulheres que estão em condições de desigualdade, exploração, subordinação ou mesmo opressão. Ou seja, o feminicídio se esconde e se forja através da desigualdade estrutural que existe entre homens e mulheres. A dominação sobre as mulheres é um mecanismo repetitivo de opressão (DE SOUZA MONTEIRO, et al.,2020)

A décadas as mulheres buscam por equidade e direitos básicos dentro da sociedade abusiva e severa. A mulher sempre foi vista como um produto descartável, desde a época da escravidão. A liberdade e direitos das mulheres ainda são limitados e também manipulados pela sociedade machista. O machismo está impregnado nos contextos atuais e questiona sobre o papel da mulher na sociedade, seja em conquistas, ambientes sociais, política e educacionais. Toda essa situação só prejudica a mulher na sociedade fazendo com que ela se sinta menos e incapaz (SANTIAGO, et al.,2021)

A violência doméstica é um problema complexo que vem gerando diversas discussões dentro da sociedade atualmente, e não se baseia apenas em violência física, mas sim muito além disso. E por conta dessas questões entre diversas outras, a lei Maria da Penha surgiu, ela veio como uma válvula de transformação do próprio sistema jurídico para proteção as mulheres, para ajudá-las nessas questões que acontece a todo o momento (LEANDRO et al.,2019).

Apesar de todo esse processo, luta e lei, será que as mulheres se sentem confiantes e seguras para denunciar seus parceiros em casos de violência sendo eles físicos ou psicológicos?

A maioria das vítimas possuem medo de denunciar, pois apesar de ser um assunto muito pautado e falado o processo ainda é lento na situação judicial, além disso, muitos locais não possuem delegacias especializadas, e por questões assim muitos profissionais não sabem como agir quando recebem alguma denúncia da vítima. Dessa forma, as denúncias acabam não acontecendo, a vítima fica com medo de ser julgada, de não ser compreendida, de se passar por mentirosa, e de acabar tendo que voltar para o mesmo ambiente que a machuca (OLIVEIRA, et al.,2016).

4.2A ROMANTIZAÇÃO DO RELACIONAMENTO ABUSIVO COMO FATOR PREJUDICIAL NA PERCEPÇÃO DO ABUSO

A romantização de relacionamentos abusivos juntamente com práticas machistas nas culturas, têm um papel essencial na concretização que fundamentam os papéis de gênero, que de forma automática incentiva a aceitação do abuso, seja ele físico ou psicológico. Isso faz com que as mulheres cedam às agressões dos seus parceiros seja por compreenderem esse tipo de violência como uma representação de amor, ou por serem dependentes e subordinadas. Essa atitude pode ser encontrada em diversos lugares e conteúdos culturais ditos como românticos, e são anunciados para o público feminino de várias faixas etárias (BALDIN, 2020).

O abuso pode ocorrer de vários tipos, sendo eles, verbal, emocional, físico e até sexual. A mulher pode perceber esses sinais logo no início da relação, pois o abusador deixa transparecer pequenas atitudes e palavras agressivas. Porém, é tão sigiloso a forma que o abusador expõe e faz com que a vítima seja a culpada pela agressão que fica complicado para a mulher identificar (MAIA, et.,al 2017)

O mito de que o amor só é romântico se houver obediência e submissão ainda é muito visto nos dias atuais. Um dos motivos que reflete essa visão são as relações parentais e suas influências. Seja pelo pai, tios ou avós. Essa reprodução que passam as mulheres é uma lógica patriarcal, e é produzida e repassada por gerações sendo nomeadas como “respeito”. Essa lógica só ensina as mulheres desde a infância a não ter opinião e acatar tudo o que o marido expõe, fazendo com que a mulher se silencie diante os abusos que vive no seu cotidiano (PINHEIRO, 2022).

A permanência da mulher em ciclos tóxicos provoca diversos problemas e consequências no emocional e psicológico das vítimas. Muitas mulheres demoram muito pra identificar que estão vivenciando âmbitos de violência, e esse processo até a identificação lhe causa muitos traumas, seja eles na autoestima, na vida pessoal e até mesmo na social. (SILVA,2020)

Muitas características do relacionamento abusivo são normalizadas pela nossa sociedade e com isso fica difícil para as próprias vítimas compreender o que realmente se passa com elas. A romantização desse tipo de relação é muito comum no cenário atual, e diz respeito a realidade tóxica para uma forma romântica que trata o abuso como amor tornando-o desejável. Essas situações só fazem com que haja uma conexão entre a cultura que perdoa e tolera a violência. Essa transmissão de

mensagens ocorre sempre por linhas que temos contato a todo o momento, seja filmes, músicas e televisão (ALBERTIM; MARTINS,2018).

Temos como exemplo a música do cantor Vinicius de Moraes e Carlos Lyra “minha namorada”, bossa nova, 1965 “Você tem de me fazer um juramento de só ter um pensamento, ser só minha até morrer...” “Você tem de vir comigo em meu caminho e talvez meu caminho seja triste para você”. Também temos o filme “A saga cinquenta tons de cinza” O filme relata como Christian Grey (ator principal) é um homem problemático mesmo sem estar devidamente envolvido com Anastasia (atora principal/ “namorada”). Ele sabia onde ela estava a todo o momento, não podia sair sozinha e deveria assinar um consentimento sobre práticas sexuais e como ela (submissa) deveria agir concordar. Além disso, ele tinha controle sobre sua alimentação. Ambos são exemplos descritivos, porém, existe diversos outros que se encaixam nesse meio de obras onde transformam o abuso em algo desejável, atraente sexy. E é a partir dessas caracterizações que é criado uma aceitação de que este tipo de relacionamento é o ideal (OLIVEIRA et al.,2016).

A mídia apresenta a violência contra mulher como algo estereotipado e natural. Em filmes e novelas, as agressões e machismo se associam como motivação do crime algo que a vítima fez. E na verdade, programas televisivos deveriam apresentar questões relacionadas a violência contra mulher com o fim de desenvolver a trama apresentando ao público as consequências do abuso no relacionamento e reforçar as formas de defesa que a justiça oferece, tais como, denunciar o parceiro e procurar ajuda em abrigos que possam acolher ela e seus filhos, visando assim a quebra do ambiente tóxico em busca da felicidade e tranquilidade (KHOURI, 2020)

O pensamento de que é fácil falar ou lidar com a o abuso ainda é muito questionado hoje em dia. Muitas pessoas não compreendem o bloqueio que a vítima cria diante a situação. Além disso, tornamos parâmetro comportamentos como o da mídia que pode tornar o abuso tranquilo e distante da realidade. Esquecemos da dimensão que acaba influenciando o comportamento das vítimas que vivem a violência fazendo com que ela crie silêncios e segredos por medo de ser incompreendida. A mulher sofre muita pressão e ameaças, e o fato de sentir que não terá apoio a sua volta nem mesmo que será acolhida faz com que ela continue vivenciando o sofrimento (PINHEIRO, 2022).

Os meios de comunicação têm uma influência extremamente grande sobre a população, seja elas na moda, na educação ou até mesmo em costumes. As pessoas

usam como base o que os meios de comunicação repassam e expõe. Ou seja, a televisão é um vínculo de informação e ela precisa criar uma abordagem que incentive a mulher a procurar ajuda e a permanecer em ambientes que respeitem ela (KHOURI, 2020)

A romantização desses relacionamentos constrói uma grave ideia de que todas essas atitudes tóxicas são “por amor” e por conta disso são “aceitáveis”. Com isso, fica difícil até para as próprias vítimas entenderem o que se passa com elas, e esse entendimento só ocorre quando a violência passa de psicológica a física, pois muitas mulheres ainda não decifram violência psicológica como de fato uma violência (BALDIN, 2020).

Mulheres que convivem com seus agressores ou estão em algum processo de pós saída de relacionamento abusivo, tendem a ser mais manipuláveis em relação a abusos emocionais e psicológicos, ocasionado assim possíveis distúrbios, tais como, transtornos de ansiedades, alimentares e até mesmo depressivos (ECHEVERRIA, 2018)

A culpa também é um sentimento que a maioria das mulheres que estão dentro de relacionamentos tóxicos sentem, pois, o parceiro consegue contorcer a situação fazendo com que ela se sinta culpada e merecedora do abuso (OLIVEIRA et al.,2016).

A postura indiferente de relevância que a mulher tem frente a violência também é um fator importante, pois a grande maioria das vítimas frente a repetição dos abusos revela-se como um meio de proteção, ela aceita as demais situações para evitar o desencadeamento de novos episódios (FONSECA, et al.2012).

A violência psicológica é um fator importante e delicado, muitas mulheres acabam não enxergando suas relações não saudáveis por não entender que violência não é apenas física. Dessa forma, por não deixar marcas visíveis, acaba passando despercebida. Outra questão que também faz com que não ocorra essa observação é capacidade do abusador de fazer com que a vítima acredite na sua mudança e que a vida dela irá acabar se ela terminar com ele, pois a maioria das vítimas tem uma dependência não só emocional, mas financeira também. Todavia, todas humilhações, insultos, desvalorização e manipulação são características de violência doméstica (XAVIER, et al.,2019).

A violência consiste em ações silenciosas que ocasionam a morte das mulheres o afetam prejudicialmente a sua estabilidade mental, moral ou espiritual. A relevância da violência não está necessariamente nas lesões físicas, mas também nas

emocionais. Essas lesões costumam crescer de forma negativa fazendo com que a vítima desenvolva um transtorno emocional devido as ações que sofre, e que a faz se sentir sem auto controle de si mesma, sem autonomia, sem domínio e sem liberdade (MAIA, et.,al)

Observa-se que quanto mais tempo as mulheres passam dentro de seus lares, mais elas se tornam dependentes de seus parceiros, além de apresentar níveis mais avançados de apego e ansiedade, pois o medo de fazer algo errado e ser abandonada é elevado da mesma forma que os abusos contínuos. Ou seja, a mulher vive em um constante medo que a deixa inquieta, lhe fazendo desenvolver diversos problemas que afetaram sua saúde psicológica deixando-a mais vulnerável diante da realidade em que vive (AMARAL.2022).

É necessário acabar com o silêncio e dar à luz a essa questão problemática, de uma forma que o enfrentamento das violências geradas por relações tóxicas resulte em transformações socioculturais entre homens e mulheres, principalmente na promoção de igualdade, respeito e de uma nova cultura (XAVIER, et al.,2019).

4.3 PRINCIPAIS TRANSTORNOS MENTAIS QUE ACOMETEM AS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Mulheres vítimas de violência apresentam um elevado índice de transtornos emocionais, destacando a depressão, ansiedade e os transtornos de estresse pós traumático. Mulheres que já sofreram violência conjugal ou sofrem, apresentam maiores índices de depressão. Essa situação pode estar vinculada por estarem sempre sendo submetidas à situação de violência. A depressão, portanto, tem sido vista e observada em estudos em muitas mulheres que já vivenciaram a violência (MORAIS, et al.,2013)

Mulheres vítimas de violência física e psicológica tendem a serem mais suscetíveis a fragilidade, podendo sofrer de forma permanente em sua autoestima e imagem própria, tornando-se menos confiantes e seguras de seu próprio valor e ficar mais propensas à depressão (BASÍLIO. Et al., 2023)

O ambiente estressante pode afetar a fisiologia do organismo, e essa situação responderá de forma disfuncional. Vítimas de violência doméstica apresentam grande probabilidade de desenvolver algum transtorno emocional, podendo ser ele, estresse pós-traumático (MELO. Et al.,2020)

A violência psicológica se apresenta como um dos principais agentes que prejudicam as mulheres, pois como é sigilosa e silenciosa, a mulher quando se dá conta do que vive já está em uma situação muito vulnerável. Os principais sintomas da

violência psicológica são: Baixa autoestima, negação, depressão e desesperança. A auto culpa e a perda de auto confiança devido ao desamparo que experimentou causa desmotivação e medo de viver (LOURENÇO. Et al.,2020)

4.4 IMPORTÂNCIA DA ENFERMAGEM NO QUESITO VIOLÊNCIA CONTRA MULHER

A violência contra mulher tornou-se uma grande dificuldade na saúde pública global. Os serviços de emergência dos hospitais estão com diversas vítimas de violência de todos os tipos. A partir disso, os profissionais de saúde, exclusivamente os enfermeiros, possui uma função importantíssima que é prestar o primeiro atendimento a vítima, de forma acolhedora e humanizada, contribuindo assim com as investigações e auxiliando a justiça.

Sabemos que a visibilidade da violência contra as mulheres exige conhecimento e preparo dos profissionais de saúde, na busca por uma assistência resolutiva. Os serviços de saúde são de suma importância nessas situações, pois são nesses ambientes que na maioria das vezes a mulher recebe atendimento e cuidados, por isso é necessário que os profissionais de saúde estejam capacitados para o atendimento adequado às vítimas e atentos a notificação dos casos de violência (SIGNORELLI, et.al.,2013).

Atualmente, muitos profissionais de enfermagem dizem estar despreparados e desinformados sobre as questões públicas de proteção a violência contra mulher serviços de saúde. A capacitação e treinamento do profissional de enfermagem tem sido questionada e apontada como uma das principais estratégias para superar essas situações, pois o enfermeiro precisa estar pronto para lidar com essa problemática. Além disso, é de suma importância que os profissionais de saúde desenvolvam a capacidade de perceber a violência a partir de uma conversa ou atitude, para que assim as mulheres que se encontram em vulnerabilidade sejam vistas e acolhidas da forma correta (SILVA, RIBEIRO.,2020).

É essencial que durante o acolhimento da mulher vítima de violência, ela tenha uma escuta qualificada, juntamente com um local apropriado para este tipo de interação com o profissional, que deve mostrar interesse diante seu desabafo. O enfermeiro deve tomar cuidado e estar preparado para reconhecer mais do que só a fala, pois, as expressões que se propagam durante a conversa é também uma resposta. Quando a mulher vai até o posto de saúde, ela vai em busca de palavras de apoio já que naquele momento se encontra perdida, com baixa autoestima e com sentimento de

desvalorização (XAVIER, et al.,2019).

A enfermagem deve estar atenta às mulheres que vão até os serviços de saúde com manifestações de violência, seja elas agudas, crônicas, físicas ou mentais. Lesões físicas agudas na maioria das vezes são causadas por uso de armas brancas, socos e até mesmo tentativas de homicídio. Já as manifestações crônicas, podem ser consideradas as agressões sexuais que podem decorrer até mesmo em uma infecção sexualmente transmissível ou gravidez indesejada. Diante as situações, o profissional precisa ter cuidado com a paciente, pois a falta de resolutividade no atendimento pode tornar o problema mais grave, pois essas atitudes podem afastar as vítimas dos serviços de saúde, inibir a denúncia e fortalecer a invisibilidade do problema e a permanência da mulher nesse meio (FERRAZ, et al.,2019).

A equipe de enfermagem deve promover um cuidado planejado com o fim de ajudar lhe oferecendo apoio, respeito e que suas necessidades sejam atendidas. Além disso, também deve organizar ações individuais ou até mesmo em grupos como meio de aproximação. Ou seja, que seja dirigido seguindo a linha das políticas públicas de saúde para proteção e prevenção de danos ou agravos futuros a mulher (XAVIER, et al.,2019).

A identificação dos episódios de abusos deve ser monitorada também pela equipe de saúde, seja por meio de visitas domiciliares ou vigilância em saúde, fazendo com que aos poucos o silêncio seja retirado da rotina e a mulher consiga falar e fazer denúncias. Ou seja, o profissional de enfermagem deve ficar atento e também notificar sobre a circunstância aos órgãos encarregados. A ficha deve ser preenchida logo após a confirmação de abuso (XAVIER, et al.,2019).

O profissional não deve esquecer de notificar situações referentes. Independente do tipo de violência, o enfermeiro precisa desempenhar um papel importante na identificação precoce do problema (SILVA, et al.,2015).

É completamente necessário que o enfermeiro tenha conhecimento acerca da violência doméstica e das várias situações que podem ocorrer visando esse problema, com intuito de promover de forma ética e estratégica a prevenção e acolhimento a essas mulheres (FREITAS et al.,2017).

Os profissionais da saúde, apresentam muitas dificuldades para abordar a vítima, criar condutas e planejarem um cuidado específico. Pois muitas mulheres mesmo após a divulgação do relacionamento abusivo não aceitam denunciar o abusador. Dessa forma, o profissional precisa procurar meios de ajuda que não envolva a exposição do abusador, respeitando assim a escolha da vítima. (ACOSTA, et al.,2017).

A complexidade da violência exige dos profissionais de saúde um olhar mais

amplo, pois, os abusos não são vinculados a uma causa apenas, mas sim por uma multiplicidade de fatores. Seja eles, biológicos, genéticos, culturais e sociais (RAZERA, et.,al 2014).

De acordo com Freitas et al. (2017), os casos de violência são perceptível logo na primeira etapa do processo de enfermagem, resumindo, na colheita de dados. Assim, o cuidado diante a paciente deve ser planejada a fim de proporcionar a ela respeito, acolhimento e segurança.

Silva e Oliveira (2016), afirmam que é de suma importância treinar e aperfeiçoar os profissionais em pró desse acolhimento para assim prestar os serviços com qualidade e garantir um bem-estar a mulher.

É dever dos enfermeiros observar mais do que a paciente fale ou demonstre, a fim de ajudá-la e até mesmo encaminhá-la diante sua necessidade, seja para psicólogo ou até mesmo assistente social (CORTES; PADOIN, 2016).

Para garantir a integridade da saúde das mulheres, são necessárias estratégias de capacitação e orientações a todos profissionais de saúde, a fim de visar o atendimento e a articulação das ações na rede de apoio. Sendo assim, é importante que além de detectar as situações de abuso, o profissional faça com que a paciente confie nele, para que dessa forma haja a denúncia, notificação e por fim o acompanhamento e todo suporte que a vítima precisar. Em tese, essas atitudes seriam um grande passo de mudança, evitando e contribuindo para que muitas mulheres saiam de ciclos tóxicos. (SOUTO; MOREIRA,2021)

Muitas mulheres omitem a situação de violência pois acham que podem suportar a situação e o contexto em que vive, mesmo com todos os abusos. Há também aquelas que recorrem aos serviços de saúde porém tem medo que a denuncia seja revelada a alguém, principalmente aos familiares. É considerado dever do profissional de enfermagem não expor o que a vitima revela. Ou seja, o sigilo anunciado pela entrevistada, condiz com as suas competências e ética. O enfermeiro precisa respeitar o desabafo da vitima e ter empatia com a mesma, passando confiança e segurança. (ACOSTA, et al.,2017)

O preenchimento das fichas de notificações ainda não está totalmente incorporado nos setores de saúde, o que torna a situação preocupante, pois a não notificação prejudica diretamente as mulheres que sofrem violências. Vale ressaltar que na maioria das vezes a organização de trabalho nas unidades estão com sobrecarga de funções e com isso a exigência de formulários perdem a importância. (ANDRADE, et al., 2016)

As fichas individuais de violência doméstica devem ser preenchidas

exclusivamente pelas unidades de saúde em todas situações que há alguma suspeita ou acontecimento. As fichas devem ser encaminhada as pessoas e setor responsável pelas informações através da vigilância epidemiológica das secretarias Municipais. A notificação apesar de ser muito importante, são também ignoradas por muitas unidades de saúde. (DOS SANTOS, et al.,2021)

A ficha de notificação compulsória deve ser individual e usada sempre que necessário diante as necessidades e regras, seja em alguma violência contra mulher, intrafamiliar, sendo por etnias, homofobia ou tortura em todas as faixas etárias de idade. Declara-se então que a notificação compulsória é obrigatória aos profissionais de saúde, podendo ser realizada pela enfermagem, psicóloga, assistente social ou médico. (SOUSA, et al.,2015)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência se apresenta de diversas formas e tem aumentado em dados alarmantes. A situação afeta mulheres de variáveis classes sociais, nacionalidade ou raça. A violência doméstica é uma questão inaceitável ao ordenamento jurídico brasileiro, ou seja, ela é uma importante questão de saúde, que deve ser priorizada e merece atenção, para que dessa forma consigam minimizar atos cruéis para com a mulher. Visto isso, a Lei 11.340 foi criada justamente pra isso, para contribuir com o combate a violência contra as mulheres.

Salienta-se que por meio desse estudo, foi possível adquirir esclarecimentos acerca das questões que ocorrem com a mulher e também sobre a proteção e a constitucionalidade que a lei oferece. Observou-se ainda, que existem várias situações que de forma involuntária acaba influenciado ou até mesmo induzido a mulher a entrar e a permanecer em relacionamentos não saudáveis. Seja a romantização de filmes que colocam a mulher como submissa, séries ou músicas. É notório como a enfermagem é primordial na questão violência contra mulher, pois normalmente, o posto de saúde é o local onde a mulher precisa de fato ir, e é através dessas idas que o profissional precisa estar atento e perceber sinais de abuso e dessa forma acolher a paciente procurando formas de ajudá-la. Ressalta-se também a importância da notificação compulsória para as possíveis conduções. Por fim, esta pesquisa mostrou que o aumento dos índices de violência contra mulher a partir da Pandemia cresceu de uma forma significativa, mesmo com as leis para a proteção, conscientização e alertas ainda há um sistema falho na proteção a mulheres.

Ressalta-se que este estudo fica aberto para novas contribuições para que assim fortaleça ainda mais o conhecimento a cerca da temática.

REFERÊNCIAS

ALBERTIM, Renata; MARTINS, Marcelo. Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relação tóxicas. In: INTERCOM–SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO; 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO–Joinville-SC–2 a. 2018. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0301-1.pdf>. Acesso em: 02 abr 2023.

Andrade, Júlia de Oliveira, et al. "Indicadores da violência contra a mulher provenientes das notificações dos serviços de saúde de Minas Gerais-Brasil." *Texto & Contexto-Enfermagem* 25 (2016).

Acosta, Daniele Ferreira, et al. "Aspectos éticos e legais no cuidado de enfermagem às vítimas de violência doméstica." *Texto & Contexto-Enfermagem* 26 (2017): e6770015. Disponível em: SciELO - Brasil - ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS NO CUIDADO DE ENFERMAGEM ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS NO CUIDADO DE ENFERMAGEM ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. Acesso em: 4 abr 2023.

AMARAL, Keite Mirela do. Violência doméstica durante a pandemia: medidas de enfrentamento pela prefeitura de Pelotas. 2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/250879/001153324.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 abr 2023.

BALDIN, Vitória Paschoal. A romantização de relacionamentos abusivos em produções de cultura pop do Leste Asiático. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Vitoria-Baldin/publication/354153537_A_romantizacao_de_relacionamentos_abusivos_em_producoes_de_cultura_pop_do_Leste_Asiatico/links/6127eda50360302a005f3b15/A-romantizacao-de-relacionamentos-abusivos-em-producoes-de-cultura-pop-do-Leste-Asiatico.pdf. Acesso em: 19 maio 2023.

BASÍLIO, RENATA DE VASCONCELOS, and Luana Comito Muner. "TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS CAUSADOS PELA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM MULHERES." *Revista Cathedral* 5.1 (2023): 36-46.

CORTES, Laura Ferreira; PADOIN, Stela Maris de Mello. Intencionalidade da ação de cuidar mulheres em situação de violência: contribuições para a enfermagem e saúde. **Escola Anna Nery**, v. 20, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/b8Yz6Yvh5tskjfFrnrGwNwV/?lang=pt>. Acesso em: 25 mar 2023.

ECHEVERRIA.AViolênciaPsicológicaContraa Mulher Reconhecimento e Visibilidade. Centro Universitário Tiradentes,04,15, 2018. Disponível em: Vista do DISTÚRBIOS PSICOLÓGICOS DECORRENTES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA (fcgba.com.br). Acesso em: 8 de jul 2023.

DE SOUZA MONTEIRO, Solange Aparecida; YOSHIMOTO, Eduardo; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A produção acadêmica sobre a questão da violência contra a mulher na emergência da pandemia da COVID-19 em decorrência do isolamento social. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 22, n. 1, p. 152-170, 2020. Disponível em: A produção acadêmica sobre a questão da violência contra a mulher na emergência da pandemia da COVID-19 em decorrência do isolamento

social | DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação (unesp.br). Acesso em: 5 de Agost 2023.

dos Santos, Jhéssica Aparecida de Jesus, and Sandra Godoi Passos. "Conhecimento dos profissionais de enfermagem acerca da ficha de notificação compulsória em relação à violência contra a mulher." *Revista JRG de Estudos Acadêmicos* 4.9 (2021): 50-57.

FONSECA, Denire Holanda da; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noêmia Soares Barbosa. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, p. 307-314, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/bJqkynFqC6F8NTVz7BHNt9s/?lang=pt>. Acesso em: 25mar 2023.

FERRAZ, Maria Isabel Raimondo et al. O cuidado de enfermagem a vítimas de violência doméstica. **Cogitare Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 755-759, 2009. Disponível em: Redalyc.O CUIDADO DE ENFERMAGEM A VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. Acesso em 27 de jul 2023.

FREITAS, Rodrigo Jacob Moreira de et al. Atuação dos enfermeiros na identificação e notificação dos casos de violência contra a mulher. **HU rev**, p. 91-97, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-946414>. Acesso em: 19 maio 2023.

Gil, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa (7ª ed.). **São Paulo: Atlas**, 2022.

KHOURI, Gabriella El. A violência contra a mulher e os impactos da mídia. 2020. Disponível em: A violência contra a mulher e os impactos da mídia (mackenzie.br). Acesso em: 2 Agost 2023.

Lourenço, Lélío Moura, and Dayane Pereira Costa. "Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher." *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia* 13.1 (2020): 1-18.

LEANDRO, Maiara et al. Representações Sociais da violência doméstica em comentários de rede social. *Revista Eletrônica Científica da UERGS*, v. 5, n. 2, p. 208-216, 2019. Disponível em: <http://200.132.92.80/index.php/revuergs/article/view/1974>. Acesso em: 02 abr 2023.

MAIA, Laura Rodrigues. A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos. **Psicologia-Tubarão**, 2017. Disponível em: RUNA - Repositório Universitário da Ânima: A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos (animaeducacao.com.br). Acesso em: 4 Agost 2023.

Morais, Ariane Cedraz. "Depressão em mulheres vítimas de violência doméstica." (2013).

MIURA, Paula Orchiucci et al. Violência doméstica ou violência intrafamiliar: análise dos termos. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/dQc8Zb4b7z68hpCkKG9cBKK/?lang=pt>. Acesso em: 02 abr 2023.

OLIVEIRA, FMA al et al. Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: A ineficácia da Lei Maria da Penha. **Anais do IX Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão**, 2016. Disponível em:

https://flucianofejiao.com.br/flf/wp-content/uploads/2019/03/ROMANTIZACAO_DO_RELACIONAMENTO_ABUSIVO_U_MA_VIOLENCIA_SILENCIOSA_A_INEFICACIA_DA_LEI_MARIA_DA_PENHA.pdf. Acesso em: 12 jul 2023.

PINHEIRO, Hingreed Anne Viegas. Subjetividades silenciadas: a violência doméstica sob a perspectiva psicanalítica e o mito do amor romântico 2022. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/16312/1/52000046pdf>. Acesso em 18 de jul 2023.

RAZERA, Josiane; CENCI, Cláudia Mara Bosetto; FALCKE, Denise. Violência doméstica e transgeracionalidade: um estudo de caso. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 6, n. 1, p. 47-51, 2014. Disponível em: [Violencia-Domestica-e-Transgeracionalidade-Um-Estudo-de-Caso.pdf](#) (researchgate.net). Acesso em: 23 de mar 2023.

SIGNORELLI, Marcos Claudio; AUAD, Daniela; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Violência doméstica contra mulheres e a atuação profissional na atenção primária à saúde: um estudo etnográfico em Matinhos, Paraná, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, p. 1230-1240, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/dSNqzcT3nLL4Mdxp5ZPnV5h/?lang=pt>. Acesso em: 25 mar 2023.

SILVA, Ana Fernanda Carnellosso et al. Violência doméstica contra a mulher: contexto sociocultural e saúde mental da vítima. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 3, p. e35932363-e35932363, 2020. Disponível em: [Domestic violence against women: sociocultural context and mental health of the victim | Research, Society and Development](#) (rsdjournal.org). Acesso em 24 de mar 2023.

SILVA, Lídia Ester Lopes da; OLIVEIRA, Maria Liz Cunha de. Características epidemiológicas da violência contra a mulher no Distrito Federal, 2009 a 2012. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 25, p. 331-342, 2016. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/ress/2016.v25n2/331-342/pt/>. Acesso em: 12 jul 2023.

SILVA, Viviane Graciele da; RIBEIRO, Patrícia Mônica. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde. **Escola Anna Nery**, v. 24, p. e20190371, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/RXvRBqJz3x4dD3BmntHDCsK/>. Acesso em: 12 jul 2023.

Silva, Camila Daiane, et al. "Representação social da violência doméstica contra a mulher entre Técnicos de Enfermagem e Agentes Comunitários." *Revista da Escola de Enfermagem da USP* 49 (2015): 22-29. Disponível em: [scielo.br/j/reeusp/a/TsFjKk47h6W9JWF7wsNQ7Sy/?format=pdf&lang=pt](https://www.scielo.br/j/reeusp/a/TsFjKk47h6W9JWF7wsNQ7Sy/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 16 jul 2023.

SOUTO, Kátia; MOREIRA, Marcelo Rasga. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher: protagonismo do movimento de mulheres. **Saúde em Debate**, v. 45, p. 832-846, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/4JncpcMDZ7TQ9Hd7dkMPMpt/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul 2023.

SOUTO, LUIZA POSSATI et al. Violência doméstica contra a mulher: Gênero e

perseguição. **Salão do Conhecimento**, v. 7, n. 7, 2021. Disponível em: 20824-Texto do artigo-54311-1-2-20211018.pdf. Acesso em: 12 jul 2023.

SOUZA, Daniel Cerdeira de et al. Relacionamentos abusivos: Significados atribuídos por um grupo de jovens acadêmicos da UFAM. 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6809>. Acesso em: 19 maio 2023.

SOUZA, Lídia de Jesus; FARIAS, Rita de Cássia Pereira. Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. **Serviço Social & Sociedade**, p. 213-232, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/RWf4PKDthNRvWg89y947zgw/?format=html&lang=pt&stop=next>. Acesso em: 12 jul 2023.

XAVIER, ALESSANDRA COELHO. AS FORMAS DE AGRESSÃO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E AS MEDIDAS DE PROTEÇÃO. 2019. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/8556>. Acesso em: 12 jul 2023.

RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Sheyevana de Araújo Gomes

CURSO: Enfermagem

DATA DE ANÁLISE: 21.06.2023

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **5,43%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet [△](#)

Suspeitas confirmadas: **4,84%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados [△](#)

Texto analisado: **95,6%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.8.5
quarta-feira, 21 de junho de 2023 21:57

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente **SHEYEVANA DE ARAÚJO GOMES**, n. de matrícula **38547** do curso de Enfermagem, foi aprovado na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 5,43%. Devendo a aluna realizar as correções necessárias.

Documento assinado digitalmente
 HERTA MARIA DE ACUCENA DO NASCIMENTO S
Data: 17/10/2023 18:36:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(assinado eletronicamente)
HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO
Bibliotecária CRB 1114/11
Biblioteca Central Júlio Bordignon
Centro Universitário Faema – UNIFAEMA